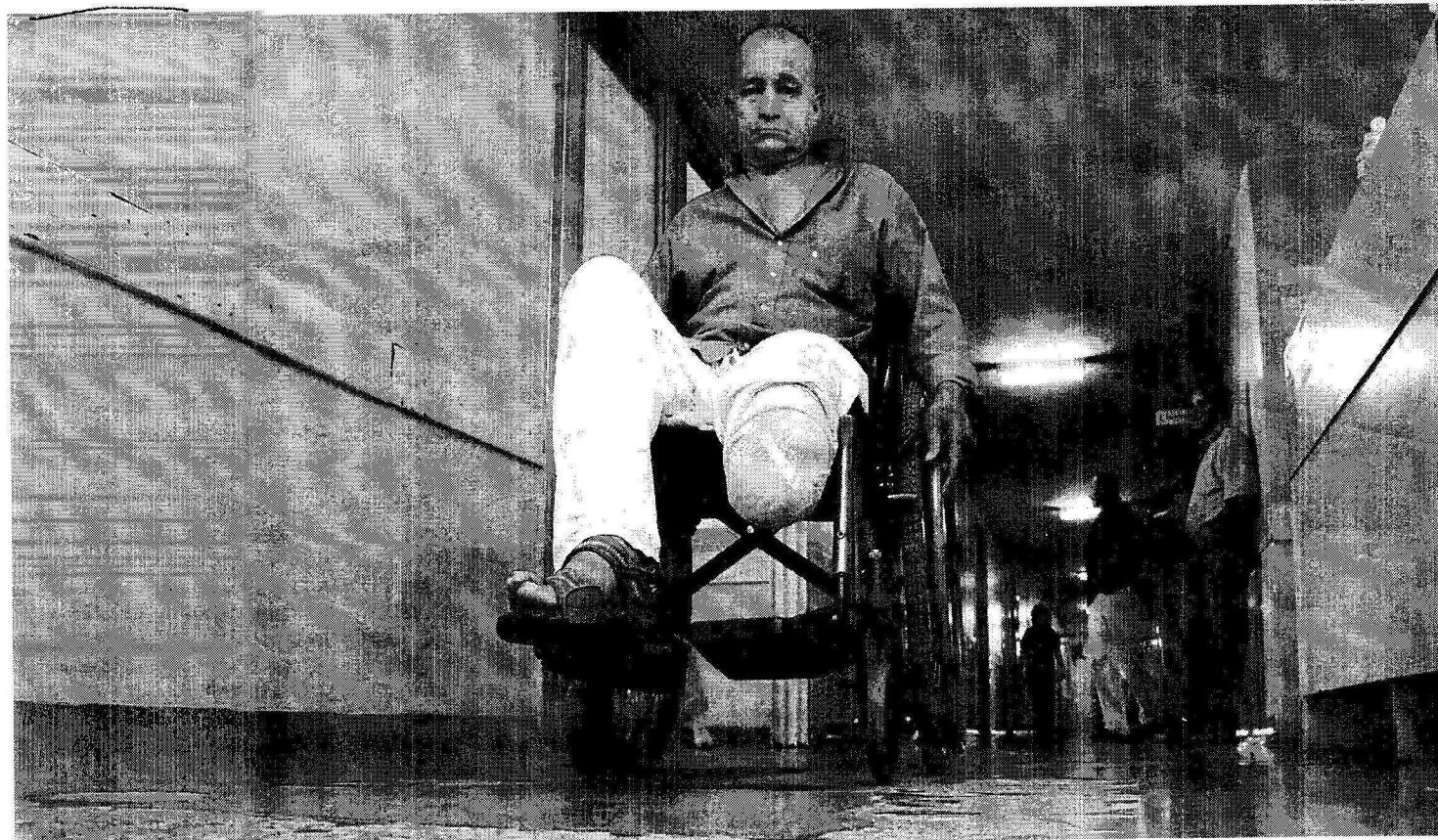


SAÚDE ■ Não há uniformes para médicos e enfermeiras trabalharem no centro cirúrgico

ADILSON RIBEIRO



Na Unidade de Traumatologia e Ortopedia do Hospital de Base faltam equipamentos e há necessidade de obras de reforma do setor

HBB cancela cirurgias por falta de roupa

Cristiane Madelra

— Médicos do Hospital de Base de Brasília (HBB) estão cancelando cirurgias por falta de uniforme. Pelo menos duas pessoas deixaram de ser operadas na última semana por esse problema. Uma delas é o caminhoneiro Edson da Silva Bonfim, morador de Águas Lindas (GO), que espera há um ano e três meses por uma cirurgia no joelho, que foi cancelada de última hora porque os médicos não tinham roupa adequada para realizar o procedimento.

— Ficamos reféns do hospital, a espera de um telefonema com a data da cirurgia. Agora, não sairei daqui até que me operem. Preciso voltar a trabalhar, pois estou parado desde meu acidente — completou.

O mesmo aconteceu com o viúvo Paulo Roberto Redelon, que espera há dois anos por uma cirurgia na perna.

— Quando já estava deitado na

mesa de operação, pronto para receber a anestesia, cancelaram tudo por falta de material e uniforme. Ainda tive que trazer lençóis de casa, porque aqui não tem — relatou.

O uniforme não falta apenas para médicos. Enfermeiras substituem aventais por lençóis amarrados ao corpo por uma fita-crepe. O problema começa na lavanderia, segundo a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Legislativa, que fez ontem a oitava vistoria deste ano no Hospital de Base.

— A lavanderia está sobrecarregada, a ponto de entrar em colapso. Chega-se a lavar a mesma roupa três vezes durante o dia — conta a presidente da comissão, deputada Érika Kokay (PT).

O diretor do Hospital de Base, Ronaldo Santana Pereira, confirma o problema e diz que a lavagem é feita várias vezes ao dia pelo excesso de demanda, o que traz como resultado a diminuição da



Maria Aparecida não conseguiu atendimento para o filho Douglas

vida útil do uniforme.

— A Secretaria de Saúde já está a par dessa questão e estuda uma maneira de resolver — disse.

Nas salas de emergência e observação, cada profissional se encarrega de 15 doentes, contrariando o regulamento da Organização Mundial de Saúde (OMS), que permite até sete pacientes por funcionário.

Pessoas em estado grave esperam até quatro horas sentados em uma sala a espera de exames de raios x. Não há leitos suficientes. Alcides Firmo Fonseca, 31 anos, morador do Jardim Ingá, esperava o exame de raio-x desde a noite anterior. Ele havia sido esfaqueado no sábado, perto de on-

de mora. O corte atingiu os rins e a bexiga. O ferimento foi suturado no Hospital de Luziânia, de onde o transferiram para o Base.

O aparelho da radiologia estava quebrado ontem. Funcionava apenas o do ambulatório. Mas de acordo com o diretor do hospital, o problema ocorre porque os paralelos estão sobrecarregados e trabalham sem parar.

— Todas as máquinas têm contratos de manutenção. Elas quebram pelo excesso de uso. Mas sempre que isso ocorre, a firma é acionada e o problema resolvido — explica Ronaldo Pereira.

Os técnicos ficaram até o fim da tarde de ontem consertando o raios x.

■ Problema é de gestão, não de verba

Há problemas também com a Unidade de Traumatologia e Ortopedia do Hospital de Base. Faltavam pilhas para o laringoscópio, equipamento usado para intubação. Paredes precisam de reboque e não há azulejo em alguns pontos do piso. O GDF programa uma reforma para a unidade, que fica no décimo andar do prédio. Mas ainda não há previsão para o começo das obras e nem a definição do local para onde serão transferidos os pacientes que estão ali internados.

Para Érika, o problema está na má administração e na falta de definição de prioridades.

— O mais paradoxal do DF é que não faltam recursos para a saúde, é tudo questão de gerenciamento. A desorganização faz com que os hospitais não consigam atender toda a demanda, que não vem só do DF, mas de cidades

GDF já programou reforma para a Traumatologia, mas nem se sabe quando obras começarão

do Entorno — avalia a deputada.

Essas e outras questões serão levadas em agosto para a Secretaria de Saúde do DF, por meio de um relatório elaborado pela comissão. O documento tratará dos principais problemas encontrados nas unidades de saúde do DF.

O levantamento das condições de funcionamento do Hospital de Base começou a ser feito pela Comissão de Direitos Humanos em fevereiro. Ontem, na entrada da emergência, a Comissão foi parada por Maria Aparecida Silva, que não conseguia que seu filho Douglas, 13 anos, fosse atendido. O garoto sofria de problemas neurológicos e tinha o corpo endurecido por pequenas convulsões. A direção do hospital determinou que ele teria de voltar ao Hospital do Gama, onde havia consultado um dia antes, para depois ser encaminhado ao Hospital de Base.

— Acho um absurdo estar em um hospital e mandarem meu filho para outro, só por burocracia — esbravejava a mãe.

Pela interferência da comissão, o garoto acabou sendo atendido quinze minutos depois.